

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ARTES VISUAIS

ERIKA GONZALEZ CLINGERT

DESENHO COMO ALGO DE INSISTIR

BELO HORIZONTE

2023

ERIKA GONZALEZ CLINGERT

DESENHO COMO ALGO DE INSISTIR

Monografia apresentada à Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Patricia de Paula Perreira

BELO HORIZONTE

2023

O **Desenho como algo de insistir** propõe a questão " o que é o desenho para mim? ". Que compreendo, hoje, como sentido de fazer artístico intimista.

Título: Desenho como algo de insistir

Introdução

Onde fica o desenho?

Venho de uma família de artistas estrangeiros. A produção, o fazer artístico na prática diária, não entrou em questão. O desenho me acompanha desde a infância até os dias atuais. Falo de um pensamento clássico do desenho. O riscar sobre a superfície do papel.

Trabalho o desenho como projeto. O meio, na função de estruturar as coisas do mundo. No mundo da arte o designer de moda e a modelagem. No espaço expositivo e no ateliê.

O processo criativo é o ponto de partida deste trabalho de conclusão da Licenciatura em Artes Visuais, sobre uma vivência nas artes da contemporaneidade.

As questões do meu trabalho autoral de artista focaram (2015-2019) na materialidade do tecido e seus desdobramentos no espaço. Do tridimensional para o bidimensional. Insisto na constância do fazer. Conte-se na constância e na repetição no fazer artístico.

Pretendo refletir sobre o desenhar, o fazer artístico na prática, na insistência com as matérias, na persistência e nos ganhos que o tempo de dedicação às Artes trouxeram (das principais atividades comerciais, como Ateliê de Artista Coletivo articulando com o mercado em feiras de arte). Pensando sobre o processo criativo no viver Arte.

O desenho como algo se insistir

Palavras: Conter-se; Self; Papel. Folha.

Desenho: por que desenho

Conter-se em folhas, em um diário, em papel, diz respeito a um espaço de tempo. A página contém, capturam aquele momento. O consciente e o inconsciente se colapsam, criando um único e inédito registro.

Diz respeito a estar presente, se entregar por completo a um momento: hoje a arte e criar.

Início do pensamento clássico do desenho, o riscar sobre o papel. A transição do tridimensional para o bidimensional, que acontece na superfície do papel, no riscar dos materiais sobre os suportes.

“Desenhos são, na maioria das vezes, objetos de papel e alguns acreditam que desenhar é a tarefa mais rápida da arte. Mas a arte deve muito ao “quase nada” e desenhos permanecem como sorrisos indo, desprevenidos, em direção ao esquecimento.

[...]Quem desenha sabe o que esperar do traço: que cumpra o seu papel e se desempenhe no ritmo da imagem. [...] marcar o gesto que torna possível a imagem. [...]”. Waltercio Caldas (1997, p.31)

Elemento efêmero, o papel se desfaz com o passar do tempo, se deteriora, se não bem condicionado. O traço e o gesto ficam, são fundamentais para a reflexão do desenhar, do instante que são realizados, na ação do desenhar, enquanto a materialidade suporta a ação do tempo.

Na arte, o desenho aparece ao mesmo tempo com importância e desvalorização: desenho do lugar do singelo estudo, um meio servindo a outros fins. A cópia na academia.

Contraditório, não? Quem ignora a potência do desenhar? Ou coloca-o em um lugar desfavorecido.

Aqui pretendo buscar além da superfície (do papel ou da realidade). Refletir – dialogar com outras reflexões. Caldas fala do desenhar pela materialidade das formas (risco e gesto). Do desenho como a “vontade do seguinte”. O Risco (gesto-registo – consequência) na repetitiva ação – Desejo. Objeto de papel, “Vontade do seguinte”, acontecimento instantâneo e rápido no fluir da continuidade e no silêncio. Essa vontade do futuro, devir.

Transformar o ritmo em prática imediata, o que é meu desenho?

Sempre desenho, a uma certa constância na prática, em uma prática imediatista. O material, o lápis e o papel se tornam acessíveis - para quem?

As páginas de anotações não seguem a linearidade, mas contém o instante. Apreende a atenção. Da sala de aula, o aluno sonha em seguir carreira de desenhista. O currículo do percurso que escolhemos. E porque se afasta? Chega a um ponto, que não se vê, não tenho nenhum desenho a mostrar.

E a primeira vez que penso o desenhar, seriamente, enquanto desenho, não é a tarefa mais simples. Os meus caminhos sempre passam pelo que temos em mãos. Do desenho como diário, do lugar mais próximo. Reconheço o meu desenho na prática, sentido de fazer artístico, intimista.

O desenhar na constância do dia a dia, nos cadernos, diários e blocos. Destes se deslocam, criam mundos imaginários com traços, realidade e sonhos. Dos lápis de cor, guache... em palhetas de cores. Técnica. Materiais a mão (acessíveis) - canetas. Observei a identidade do desenho na insistência. A estratégia de confecção dos desenhos diários dos últimos cadernos.

Criei o diagrama abaixo, tal qual um mapa conceitual, sobre as áreas de interesse que envolvem o trabalho. Para além da criação inspirada na intimidade. Penso que nos tornamos multiartista na contemporaneidade. Apresento, então, dentre as diferentes frentes de trabalho, o que gostaria de desenvolver dentre meus fazeres artísticos.

Porque	O que	Onde	Como
Pesquisa a criatividade do ser.	Ensino	(Educação formal e informal)	Propostas didáticas, interações, provocação, chamado.
Torna público as imagens produzidas.	Mercado (projeto <i>Ateliê Phonte 88</i>)	Feiras gráficas	Livro de artista. Produção autoral. Prestação de serviços. Projetos.
Envolvimento com os materiais.	Processo	O fazer artístico e a experiência ...	Tomar todo o percurso com importância.
As relações com o	Íntimo	Dos sonhos e dos	Imagem do

outro.		segredos	inconsciente, dialoguem com o mundo. Símbolos, pretensão, projeções.
Observação e imaginação.	Prática imediata	Ver e fazer	No dia a dia, nos cadernos e blocos.
Objetivo e subjetivo.	Corpo	Reflexões sobre gênero e sexualidade	Olhar para as questões corporais, por algum motivo repetidamente aparecem.
Performers ideias.	Presente	Se fazer parte da Obra	Último, vídeo arte coletivo apresentação cultural em congresso . Anterior na reitoria. E em eventos produzidos com coletivo.
Trama e superfície.	Tecido	Modelagem anterior	Costura
Instalações, ocupar tridimensionalmente.	Espacialidade	(Lançar sobre o vazio). Poética	Pensar o lugar. Espaço expositivo, ...
Diário (de terra. De viagem);	Vida	Não se distancia/ desde a infância/casa/família.	Narrativas.

Selecionei dois de meus trabalhos, com publicação de artista, para falar dessas questões/trabalhos que venho produzindo desde o início da graduação. Me dedico ao pensamento enquanto desenho. Presente no instante, efêmero, seguinte prática imediata nas páginas de 2015 em diante.

Escolho as páginas que saltaram do meu caderno de 2016, para criar *Caixa particular*, estimulados por alguns docentes certa vez. Pode até ser interpretado como um trabalho escolar, do ciclo básico. Imagens reproduzidas que estampam ímãs por diversos lugares que fogem ao controle.

Caixa particular (2016) –é uma série composta por 4 paisagens. Tinta acrílica e lápis pastel seco sobre papel canson e kraft. Produção do início da minha graduação, onde já observava a presença desses ambientes do meu convívio, relações de afeto, presentes nas imagens dentre todas escolhidas, para apresentar publicamente.

Hoje essas imagens são distribuídas ou comercializadas, em reproduções impressas, no Ateliê de artista, utilitários de ímãs como suporte. Levada às feiras pelos representantes comerciais do projeto coletivo *Ateliê Phonte 88*.

Vou contar um pouquinho como surgiu a história do coletivo que trabalha com Designer gráfico, em Belo Horizonte. O *Ateliê Phonte 88* é um ateliê gráfico editorial que deriva do projeto iniciado por Circe Clingert (Edição) e Thyana Hacla (Linguagens e Gravuras), no ano de 2014. Hoje oferece serviços de encadernação e produção de livros de artistas e parcerias com outras editoras. Com atuação principalmente nas cidades de Belo Horizonte e São Paulo, em feiras gráficas de publicações independentes.

Os principais eventos, na cidade de Belo Horizonte, em que se encontram os trabalhos do projeto, são NUH! Festival de Artes Gráficas, que acontece no mês de junho esse ano, Feira Urucum, Faísca Festival de publicações experimentais e FLAC (Festival Livre de Arte Contemporânea).

(Série Particular 1-4). Aqui aparecem o papel, e a publicação de artista. No formato expositivo da caixa objeto. Com um caderno em formato de sanfona com 16 faces.

Os meus incômodos que giram no processo criativo são:

1. Sonho/íntimo
2. Desenho pessoal
3. Lugar de confronto - trabalho autoral

Sonho íntimo, o desenho sonho é muito frequente. Começa com sonhar e pôr em prática imediatamente. Depois retorno a essas imagens e produzir novas imagens, copiando ou ampliando, relacionando-a aos outros e criando publicações, como no *Diário de Viagem* (2020).

Identidade do desenho. Caminho do sonho.

Meu desenho mais pessoal, passa por uma reflexão do sistema de ensino de arte, ao fim do percurso curricular da licenciatura. O fazer, em meio contextual de formação de professores artistas na UFMG.

Diário de Viagem (2020) é um livro de artista com 30 páginas. Fac-símile de páginas selecionadas do diário que me acompanhou durante os meses que residi na Argentina no ano de 2020.

Período de isolamento social, me volto cada vez mais aos processos de interiorização que meu trabalho já vinha apresentando.

Agora nas páginas desse objeto pessoal da zona íntima. Raramente compartilhável, abro-o e vejo símbolos, acontecimentos, sonhos, contos e relatos.

Ao reproduzir páginas selecionadas do caderno pessoal crio meu próximo trabalho. Que gosto de chamar de Desenho Diário, que se propõe desenhar diariamente diferentes formas.



Série caixa particular 1



Série caixa particular 2



Série caixa particular 3



Série caixa particular 4

Desenho como algo de insistir

1. Desdobramento do histórico no espaço expositivo e no ateliê. Escrita de um trabalho de conclusão de curso memorial. (Invólucro 2019)

Tendo origem em uma família que tem como principal sustento o artesanato. Faz parte da história como artista o fazer manual e a produção para subsistência.

A internet tem sido um meio de difusão dos trabalhos, hoje, dos artistas de rua que expunham contato direto com o público. Nas ruas de Belo Horizonte, durante vários anos, vejo como uma continuação do processo de criação. Ainda em processo do trabalho documental dessas produções e a organização desse conhecimento.

Distanciamento da produção autoral no tempo de formação em licenciatura é um incômodo. Daí vem o insistir, porque não desistir? Por que disso?

Posso questionar. Reafirmar.

Por ter medo no percurso (temores);

A família de artistas gera, em alguns casos, novos artistas, pelo meio em que estou inserida e em contato com outros artistas que me motivam a produzir arte e pensar sobre as questões que envolvem a criatividade e a comunicação.

Existem momentos em que minha produção é mais intensa, e em outros que é mais “preguiçosa”, arrastada, quando nada motiva. E assim me volto para as produções que são mais geométricas e confortáveis.

2. O desenho como projeto e como elementos de anotações no diário

“Tudo é Feito, na maioria dos casos, por meio dos acasos, por meio dos grafismos íntimos, isto é, sem padrões preestabelecidos. A própria diagramação da página de uma anotação pode parecer diagramada. É nesse contexto que compreendemos quando Mário de Andrade diz que o que lhe agrada na tão complexa natureza do desenho é seu caráter infinitamente sutil de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria.

Muitos artistas justificam a necessidade do desenho exatamente por este ser sintético ou reter uma grande densidade de informações. Outros relacionam a importância do desenho a seu tempo de execução. O desenho é ágil, diz Louise Bourgeois: tem “ leveza

plumária, Algumas vezes você pensa alguma coisa é tão frágil e fugaz que você não tem tempo de anotar no diário. Tudo é transitório, mas o seu desenho serve de lembrete; senão seria esquecido”. “. Cecilia Almeida Salles (2006, p. 35-36)

É inegável o interesse pelo desenhar, por um tempo foi deixado em segundo plano, o que eu quero e o que eu gosto.

O meu desejo em comunicar através de um olhar para os sonhos, que é tão individual. Assim como os processos meditativos. Nos últimos três anos a cor neon se fez presente cada vez mais nas imagens,

Volto para o livro objeto, foco do projeto *Ateliê Phonte 88*.

Projetar no espaço expositivo durante meu percurso curricular na habilitação em desenho. Já concluída, porém ainda me restam dúvidas, questões a serem resolvidas com o meu desenho.

Pessoal e individual, mas que levo para o campo da arte e torno público e de livre acesso ao outro. Circular por Esses Meios de arte e apresentar o que mais de subjetividade me toca.

“Não é estranha nem difícil a identificação do desenho com esse lugar reservado ao fundamento, à função, à honestidade primeira. Parece que a ele sempre coube, ao longo do tempo, um papel ético, como se fosse uma espécie de depositário da verdade, dado que ali, na sua simplicidade complexa, seria muito difícil mentir.” (Paulo Pasta, 2007, p.84)

O meu desejo vem do desejo de mergulhar cada vez mais fundo nas imagens do meu inconsciente, trazendo as narrativas e os relatos para o papel pelo riscar dos materiais. De todos os formatos que experimentei o que mais me afeiçoou desde o princípio são as linhas sobre o papel que mais me agrada.

3. Escola de arte - ensino /aprendizagem

Dou continuidade ao memorial que compõe parte deste trabalho. No alto dos meus 28, passei parte do meu viver no meio artístico. Assim que concluí o ensino médio entrei para escola de moda. Fui contratada como desenhista por um ano, em 2013, há dez anos atrás. Me reafirmo como desenhista, no aprimoramento do traço, em uma escola técnica.

Após um ano, ingressei na Escola de Belas Artes. Embora tenha optado pela habilitação em desenho, caminhava junto ao meu desejo em lecionar.

Passei a me questionar:

O que seria interessante apresentar neste momento, como Trabalho de Conclusão de Curso, de modo a relacionar as duas habilitações?

O lápis e o papel estão sempre presentes: do aprender em casa, observando o fazer ao aprimoramento na escola de arte. Também no diálogo com outros artistas, pares, no desenhar junto. Para uma tarde sentar num banco: só dedicação ao fazer artístico.

(Considerações finais)

Porque insistir?

“ Quando eu sugeri que falaria do sonho e da terra (...), mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para as nossas escolhas do dia a dia” Ailton Krenak (2020, p. 51-52)

Se pudesse escolher qualquer outra carreira, escolheria exatamente a mesma. Falávamos sobre a idealização do sofrimento nesse processo de encerramento. Me debrucei na vista em perspectiva da minha primeira expressão no papel. Em um convite do diálogo sobre o sonhar. Fazer artístico, no processo criativo, no olhar para dentro. Contar de si, criar novas imagens.

Tempo dedicado às artes: mercado, com o projeto coletivo *Ateliê Phonte 88. Entre Caixa particular (2016) e Diário de Viagem (2020)*, desejo fazer Coletivo. Minha produção autoral do desenho com corpo presente sonho.

Meus Lápis de cor, Caneta hidro cor e Guache. Desenho básico/ íntimo/ técnico. Colagem palavras jornal documento.

Como assunto, voltei para o desenho porque ele ainda é uma questão para mim. Da minha ligação com o ensino, por uma busca da tradução em imagens do pensamento, da visão e da imaginação.

O processo criativo torna-se um ciclo. Olhando para o espaço, para o interior. Caminhando... assim, como parte essencial na estruturação da minha produção. Sobre o sonho, o ver, a verdade, o devir/ vontade seguinte.

Referências

- BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista.Bras.Educ. [online. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.
- DERDYK, Edith (Org.). *Disegno. Desenho. Desígnio*. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo/ Ailton Krenak*. - 2^a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.